

Literatura de Cordel

O ENCONTRO DO POETA DO ABSURDO COM O PERITO CRIMINAL

Autor: José Alysson D. M. Medeiros



1ª Edição

Direitos autorais reservados

Um dia, escutando uma rádio, fui presenteado com a canção *Zé Limeiriando*, nas vozes de Beto Brito e Zé Ramalho. Esta canção desconcertante me fez querer pesquisar mais sobre a história do poeta e cantador Zé Limeira, a qual só conhecia superficialmente. Foi caminho obrigatório procurar uma das obras-primas da poesia popular nordestina - *Zé Limeira, o Poeta do Absurdo* - e conhecer mais sobre Orlando Tejo, seu autor. A partir daí, não dá para conhecer um sem querer saber do outro, o que me levou a assistir ao extraordinário documentário *O Homem que viu Zé Limeira*, produzido pela TV Senado.

E foi lendo os versos de Zé Limeira contidos na obra de Tejo que surgiu a ideia de criar um diálogo improvável entre a figura mítica da cantoria de viola nordestina e um Perito Criminal, a caminho de um local de crime.

Neste encontro, as falas atribuídas a Zé Limeira (entre aspas) foram extraídas de diversos capítulos do referido do livro¹, sem tirar nem por. Nada mais *nonsense* (logo natural, neste contexto), para homenagear aquele que também é conhecido como o surrealista dos pobres, cujos neologismos esdrúxulos remetiam, entre outras façanhas, ao uso exagerado da linguagem culta de alguns círculos culturais e sociais à época.

Enfim, desejo que a mistura entre perícia criminal, cultura popular, realidade e devaneio, nos versos a seguir, sirva para bagunçar a imaginação do leitor. E que esses versos, além de divertir, também possam inspirar outros a *Zé Limeiriar*...

(Este folheto é dedicado à memória do poeta paraibano Orlando Tejo², que acabou de partir ao encontro de Zé Limeira, em alguma cantoria metafísica por aí...)

O autor.

¹ 5 ed. Brasília, Senado Federal, 1980. ² Falecido em 1º de julho de 2018.

O ENCONTRO DO POETA DO ABSURDO COM O PERITO CRIMINAL

Autor: José Alysson D. M. Medeiros

Bem na Serra do Teixeira,
Nas terras paraibanas,
Houve um encontro inusitado
Entre figuras ciganas,
Cujas rimam ecoaram
Nestas bandas tropicanas...

Houvera um crime por lá,
Então chamaram o Perito,
A fim de se debruçar
Sobre o corpo de delito.
Mas, antes que lá chegasse,
Avistou algo esquisito...

Lá vinha um vulto na estrada,
Com viola e matulão,
Espingarda a tiracolo,
Bengala roçando o chão.
No pescoço, uma flanela
- Parecia assombração!

E, prosseguindo na rota,
O Perito viu chegar
Um caboclo sorridente,
Figura de impressionar
Por sua grande estatura
E ligeireza no andar.

Diante de tal imagem,
Só lhe restou perguntar,
E assim fez o Perito:
– Queira se identificar,
Pois eu não creio em visagem...
Diga aí, quem vem de lá?

*“Quem vem lá é Zé Limeira,
Cantor de força vulcânica,
Prodologicadamente
Cantor sem nenhuma pânica,
Só não pode apreciá-lo
Pessoa senvergonhânica”*

– Zé Limeira, quem diria!
Nessa aí não caio, não:
O Poeta do absurdo
Já se foi deste sertão,
E depois dele não veio
Ninguém render-lhe o bastão!

*“O meu nome é Zé Limeira,
Cantor que não é pilhérico,
Mas já sofreu de alguns males,
Foi atacado de histórico,
Chame logo a junta médica,
Faça o exame cadavérico.”*

– Olhe que eu faço mesmo,
Se vim pra um, faço dois!
Deixa eu me apresentar
– Não vou deixar pra depois –
Sou Perito Criminal,
É melhor dar nome aos bois.

*“Peço licença ao truliso,
Dos olbus das periférias,
Dos chuás das pontilínias,
Dos chomotós das matérias,
Das grotas dos veluais,
Das mimosas deletérias.”*

– Já que transbordas ciência,
Também vou cienciar:
O trabalho que eu faço
Tem estudo pra danar,
Mas fujo à prosopopeia
Na hora de peritar!

*“O meu nome é Zé Limeira
De Lima, Limão, Limansa,
As estradas de São Bento,
Bezerro de vaca mansa,
Vala-me, Nossa Senhora,
Ai que eu lembrei agora:
Tão bombardeando a França!”*



Xilogravura: José Costa Leite

– De Perito sou chamado,
Peritório, peritônio,
Peritinho ou expert.
Valei-me, meu Santo Antônio,
Padre Ciço e Dona Aurora,
Ai que eu lembrei agora:
Já venci até o demônio!*

*“Eu já cantei no Recife,
Dentro do Pronto Socorro,
Ganhei duzentos mil réis,
Comprei duzentos cachorro,
Morri no ano passado,
Mas esse ano eu não morro!”*

– Falando em quem já morreu,
Gostaria de saber
De uma peleja que houve
Logo após amanhecer,
Onde um caboclo briguento
Apanhou até morrer...

*“Eu briguei com um cabra macho,
Mas não sei o que se deu:
Eu entrei por dentro dele,
Ele entrou por dentro de eu,
E num zuadão daquele
Não sei se eu era ele,
Nem sei se ele era eu!”*

*Referência ao cordel A Peleja do Diabo com o Perito Criminal, deste autor. 05

– Homem, deixe de conversa...
Deixe de ser perturbado!
Assumindo a autoria,
Vai sobrar para o teu lado.
E não vai ter cantoria,
Tampouco *filogamia*,
Se o teu sol nascer quadrado!

*“Eu me chamo Zé Limeira,
Cantador de sangue forte,
Apranto aveloz no Sul,
Arranco cana no Norte,
Quatro, cinco vela acesa
Não faz eu temer a morte!”*

– Vim aqui pra examinar:
Uma confissão não basta.
Do assassino de Getúlio,
Não nos serve ideia vasta.
Dos detalhes de um crime,
Sou um grande entusiasta!

*“Getúlio Vargas morreu
Foi com saudade da esposa,
Lampião ainda tá vivo,
Morando perto de Sousa,
Por detrás de Sete-Estrela
Tem um casal de raposa”*

– Não falo desse Getúlio,
Mas do cabra falecido
Perto do Sítio Tauá,
Local do crime aludido.
Buscarei, nas redondezas,
Vestígios desse ocorrido...

*“Se tu for na minha casa
Tem capim pro teu cavalo,
Se chegar um filósofo
Eu mando fotoigafá-lo,
Se chegar um fotoigáfo
Eu mando filosofá-lo.”*

– Pois, nesse ofício, eu também
Faço mil fotografias:
De defunto, bicho e arma,
De obra e das cercanias.
Investigo e fotografo
Em várias categorias!

*“Quando Jesus gritou: Pega!...
No Rio Grande do Norte,
A polícia japonesa
Não tinha medo da morte,
Toda vez que eu canto assim
Meu peito fica mais forte!”*



Xilogravura: Erick Lima

– Homem, deixe de loucura...
Vou seguir pro meu trabalho!
Com essa sua conversa,
Quase qu'eu me atrapalho.
Cante aqui, que eu vou pra lá.
Cada macaco em seu galho!

*“O povo tá supricando
Uns versos de despedida,
Os atropelo da vida,
Bode fala bodejando,
Eu vou partir não sei quando,
Foi Adão pai de Isaia,
Abraão se despedia
Viajando com cuidado,
Pastava um boi no cercado,
Adeus, até outro dia!”*

E foi assim que acabou
Essa estória especial,
Do Poeta do Absurdo
Com o Perito Criminal:
Mistério com cantoria
Em um encontro surreal.

FIM

Texto finalizado em 12/05/2018 e publicado em julho de 2018.

José Alysson D. M. Medeiros é engenheiro, natural de João Pessoa/PB. Trabalha como Perito Criminal Federal na capital paraibana.

José Francisco Borges (J. Borges) é cordelista e xilogravurista pernambucano, nascido e residente em Bezerros, onde mantêm seu ateliê. Entre muitas premiações, recebeu da UNESCO o Prêmio Cultura.

José Costa Leite é poeta paraibano, nascido em Sapé e residente em Condado/PE. É considerado pela crítica especializada como o mais importante gravador e cordelista vivo no Brasil.

Erick Lima é artista plástico natural da cidade de Natal/RN, especializado em xilogravura. Desenvolve suas atividades junto aos poetas cordelistas da *Casa do Cordel* e em seu ateliê, *Bodega da Xilo*, na capital potiguar.

APOIO:



Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais